

Cordel na Escola



- ✓ O cordel no Brasil
- ✓ Xilogravura e cordel
- ✓ Estrutura do cordel
- ✓ Cordel contemporâneo

“

As gravuras talhadas em madeira possibilitaram aos artistas populares o domínio de todo o processo de edição dos folhetos. (...) A simplicidade das formas, as cores chapadas, a presença de motivos, paisagens e personagens nordestinas, transportam os leitores para o mundo da fantasia, imprimindo aos reis e rainhas, criaturas fantásticas e sobrenaturais, características próprias ao seu universo de experiências.

Hélder Pinheiro e Ana Cristina M. Lúcio

”

Origens do cordel

A literatura no formato de folheto chegou em terras brasileiras pelas mãos dos portugueses graças aos avanços tecnológicos da Renascença - fabricação do papel e desenvolvimento da imprensa, como vimos no fascículo de História da Xilogravura - que transformaram as trovas, apenas cantadas até o século XIV, em textos impressos que se espalharam pela Europa.

Em Portugal, os folhetos recebiam o nome de cordel porque eram pendurados em barbantes nas feiras onde eram comercializados a preços populares.

[Clique aqui](#) para assistir a vídeo aula do poeta e professor César Obeid e saber um pouco mais sobre o cordel

A trova é uma composição poética de caráter popular, com estrofes de quatro versos de sete sílabas cada um, com pelo menos dois versos rimados. Também chamada de "quadrinha", na Idade Média era cantada, com algum acompanhamento musical, por um cantador ou trovador.



Cordéis europeus do século XVIII.



Cordéis portugueses do século XIX.

Primórdios do cordel no Brasil

A literatura de cordel ganhou feições absolutamente novas em terras brasileiras, tanto na forma, quanto na poesia. Até o final do século XIX, a produção de folhetos no Brasil era irregular. Ainda não havia nenhuma gráfica especializada na literatura de cordel e os folhetos eram produzidos em tipografias de jornais, gerando materiais de diferentes formatos.

O poeta paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918) foi o primeiro grande nome do cordel, que se destacou pelo volume de publicações entre Pernambuco e Paraíba. É de Leandro o folheto de cordel brasileiro mais antigo que se

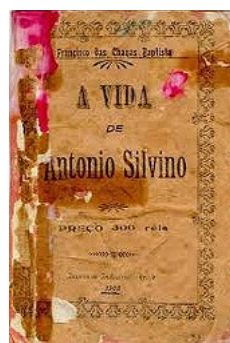
conhece, datado de 1893. Também foi de sua iniciativa a primeira tentativa de montar uma gráfica especializada em cordel. O empreendimento não obteve o sucesso desejado, mas certamente inspirou novos cordelistas.

Repare que as capas dos cordéis antigos levam apenas molduras de vinhetas decorativas ao redor dos títulos. Essas vinhetas não eram produzidas especialmente para as capas, faziam parte do acervo das gráficas e eram empregadas para deixar a edição mais atraente. Ou seja, a xilogravura popular, tal como a conhecemos, não está na origem do folheto de cordel no Brasil.





loungeobviusmagor



Reprodução



Reprodução

À esquerda: aspecto das publicações de cordel do final do século XIX e início do Século XX. A conservação dos folhetos é difícil, pois o papel usado era de baixa qualidade. À direita: vinheta tipográfica.

As primeiras ilustrações nas capas dos cordeis

Como vimos, os cordéis eram impressos em gráficas genéricas, não especializadas nesse tipo de literatura. Por ter um caráter popular, a edição não poderia ser luxuosa. Portanto, o papel era de baixa qualidade e os clichês empregados na sua impressão, não eram feitos exclusivamente para a impressão dos folhetos, sendo usados em diversos materiais impressos. As primeiras ilustrações de capas de cordel foram realizadas com clichês de

metal, bem como as vinhetas, com imagens aleatórias, aproveitadas de outros tipos de publicação. Era muito caro produzir clichês de metal específicos para os títulos de cordel, pois o valor de venda dos folhetos era muito baixo, não compensando o investimento.



Se Leandro Gomes de Barros foi o poeta pioneiro na profissionalização do ofício de cordelista, autor e proprietário de sua obra, além de comercializar e distribuir seus próprios folhetos, foi João Martins de Athayde, também paraibano, quem obteve sucesso ao estabelecer a primeira tipografia exclusivamente dedicada ao cordel em Recife, em 1909. Seu empreendimento foi bem-sucedido e funcionou até 1949.

Francisco das Chagas Batista, outro famoso cordelista paraibano, após publicar diversos

títulos impressos por diferentes tipografias, adquiriu a prensa de Leandro Gomes de Barros e montou a Popular Editora em 1913, em João Pessoa. Assim como João Martins, também lançava mão de clichês metálicos de segunda mão, adquiridos em gráficas maiores, para ilustrar as capas de seus folhetos.

As imagens auxiliavam as vendas, não apenas por tornarem as capas mais chamativas, mas também por identificar o tema do poema.

A xilogravura como alternativa

As gráficas foram se modernizando ao longo das primeiras décadas do século XX. A partir de 1920 a impressão em *offset* já era uma realidade e os clichês de metal, incompatíveis com a nova técnica de impressão.

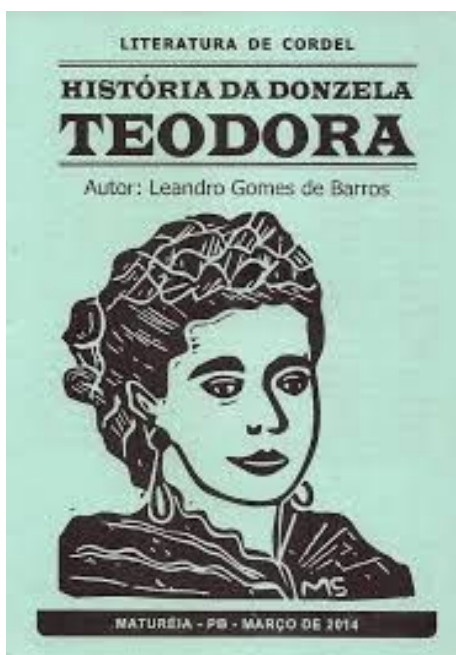
Até então, alguns clichês xilográficos já tinham aparecido em algumas edições de cordel a partir de 1907, mas não eram considerados a melhor opção, pois os de metal eram mais resistentes.

As grandes gráficas se desfizeram dos clichês metálicos, que foram absorvidos pelas tipografias de cordel, sendo usados até a década de 1940, quando se tornaram gastos. O trabalho de clicheria foi ficando mais raro e caro, pois as grandes gráficas não mais os utilizavam.

Para que os livretos continuassem atraentes para a comercialização, os editores de cordel buscavam um meio simples e barato de reprodução de imagens para decorar as capas. Foi então que as xilogravuras voltaram a aparecer nas capas dos cordéis nordestinos, ganhando popularidade entre os editores e inaugurando uma nova visualidade, que se tornou bastante característica.



À esquerda: exemplo de cordel com capa ilustrada com clichê de metal genérico. À direita: exemplo de capa ilustrada com xilogravura anônima, mas ainda imitando a fotografia genérica do clichê.



Pinterest

A partir dos anos 1940, a xilogravura popular nordestina se desenvolveu e ganhou fama pela qualidade e originalidade de seus artistas, que começaram a criar novas imagens, afastando-se dos modelos inspirados em antigas fotos e ilustrações de periódicos.

Ao lado: o mesmo título, com xilogravura original de Marcelo Soares.



A literatura de cordel atingiu seu auge entre as décadas de 1930 e 1960 nos estados de Pernambuco e Bahia. Os estados do Pará, de São Paulo e do Rio de Janeiro, que receberam grande fluxo de migração nordestina nesse período,

também contaram com a abertura de gráficas para abastecer esse público.

Nesses locais, grandes artistas surgiram, inaugurando uma nova tradição popular que iria ganhar fama e notoriedade dentro e fora do país.

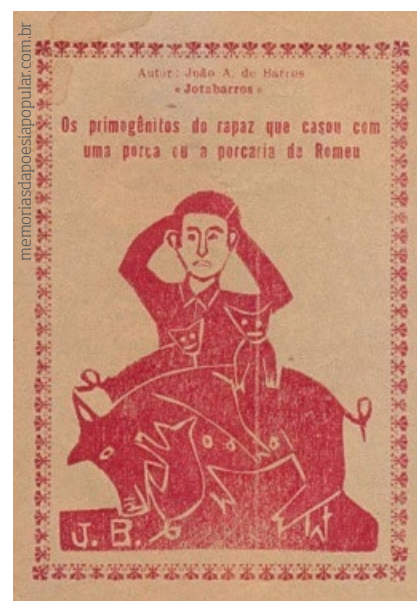
Grandes nomes da xilogravura de cordel

Grandes nomes da literatura de cordel se tornaram bastante conhecidos por suas elaboradas capas. Com a popularização da técnica da xilogravura entre os cordelistas, muitos escritores passaram a confeccionar as próprias matrizes xilográficas para imprimir seus folhetos, pois isso barateava os custos e os tornava mais atraentes para a comercialização.

Esse foi o caso de Minelvino Francisco Silva, poeta baiano que se estabeleceu no Município de Itabuna, onde concebeu sua produção. José Costa Leite, paraibano, fixou-se em Pernambuco, onde também exerceu suas artes ligadas ao cordel. O pernambucano Antônio João de Barros, conhecido como J. Barros, teve destino semelhante na literatura de cordel. Em comum, esses artistas encontraram na arte do cordel uma forma de sustento, antes mesmo de pensarem em ser reconhecidos nacional e internacionalmente.

Em Juazeiro do Norte, Ceará, formou-se um forte núcleo de cordelistas em torno da gráfica Lira Nordestina, antiga Tipografia São Francisco, onde surgiram nomes como Stênio Diniz e Abraão Batista, que deixaram, como herdeiros de suas artes, José Lourenço e Francorli.

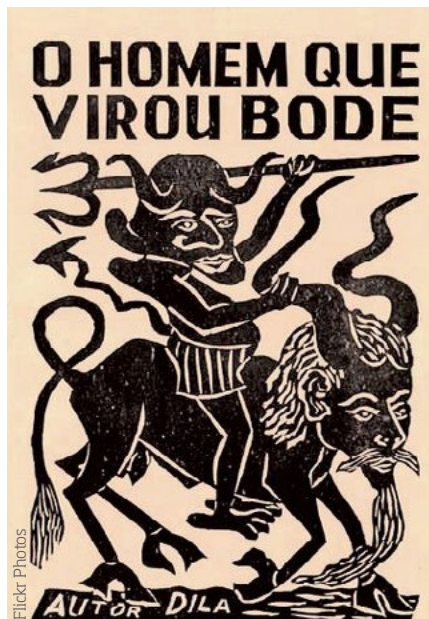
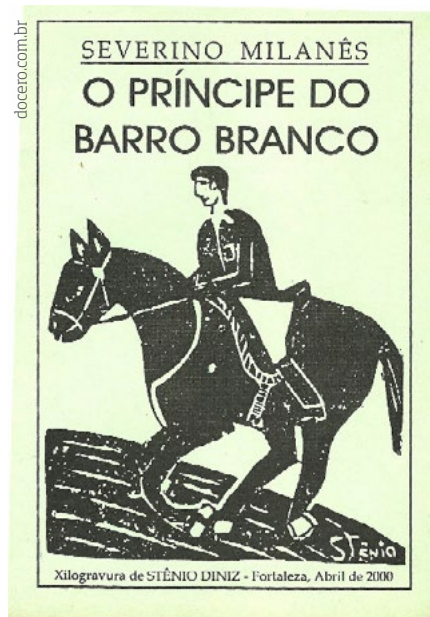
José Soares da Silva, o Mestre Dila, paraibano que se estabeleceu na região de Caruaru, em Pernambuco, já escrevia e ilustrava seus cordéis quando o pernambucano de Bezerros, José Francisco Borges, mais conhecido como J. Borges, começou seu ofício de escritor e encomendou a ilustração de seu primeiro cordel à ele. Para economizar nos próximos folhetos, J. Borges tornou-se autor, ilustrador e editor de seus cordéis. Com 85 anos de idade e ainda atuante, formou mais duas gerações de sua família na tradição cordelista. [Clique aqui](#) para conhecer a história de J. Borges nessa reportagem de Neide Duarte, na qual ela entrevista o mestre.



Da esquerda para a direita: capa de cordel de autoria de Minelvino F. Silva, com xilogravura de sua autoria. Capa do cordel de autoria de José Costa Leite, com xilogravura de sua autoria. Capa do cordel de autoria de J. Barros, com xilogravura de sua autoria.



Esses xilogravadores, juntos, deixaram um legado imenso à cultura brasileira e até hoje influenciam artistas populares e eruditos dos mais diversos cantos. Uma visualidade totalmente original emergiu a partir do manejo de ferramentas improvisadas e do aprendizado informal da talha em madeira. Um patrimônio material rico, que merece ser muito valorizado e divulgado.

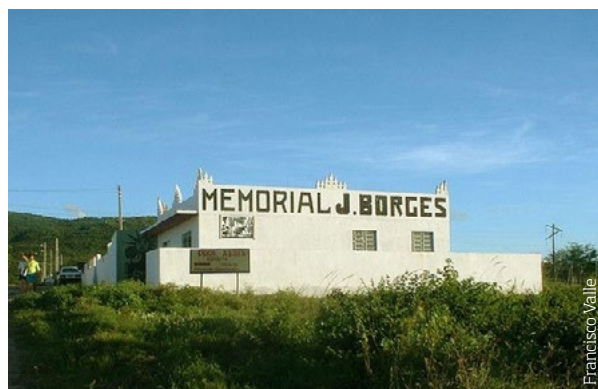


Da esquerda para a direita: capa do cordel de autoria de Severino Milanês, com xilogravura de Stênio Diniz. Cordel de Mestre Dila. Cordel de J. Borges. Abaixo: ateliê e folhetaria de J. Borges.



Memorial J. Borges

Em Bezerros, Pernambuco, o trabalho do mestre da xilogravura e do cordel J. Borges deu origem ao Memorial J. Borges, um museu que reúne toda obra em cordel e xilogravuras soltas desse grande artista brasileiro. Lá, é possível apreciar, além de seus trabalhos expostos, seu ateliê, onde toda a família do artista se envolve na produção de xilogravuras e cordeis.



A xilogravura popular nas galerias

As gravuras avulsas são fruto do crescente prestígio do qual o cordel começou a desfrutar no meio erudito a partir dos anos de 1950, sendo alvo de pesquisas em universidades e do interesse por xilogravuras em folhas soltas ou reunidas em álbuns específicos. Muitos desses pesquisadores, estrangeiros, levaram a arte do cordel para além das fronteiras nacionais, agregando notoriedade e valorização.

Em 1962, por exemplo, o artista Sérvulo Esmeraldo, na época a serviço do Museu de Arte da Universidade do Ceará, encomendou a Inocêncio Medeiros da Costa, conhecido como Mestre Noza, artista popular de Juazeiro do Norte, um álbum de xilogravuras cujo tema era a Via Sacra.

A Universidade de Poitiers, na França, possui um acervo de cerca de 4 mil folhetos brasileiros

por iniciativa do pesquisador Raymond Cantel, cujos estudos foram decisivos para que o cordel fosse reconhecido internacionalmente. No Brasil, a Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, é uma referência importante, contando com um acervo de cerca de 9 mil folhetos.

Na década de 1960, algumas exposições de xilogravuras populares deram visibilidade e destaque à arte das capas dos cordéis. Na década seguinte, as galerias começam a se interessar por comercializar as xilogravuras em folhas soltas, criando definitivamente um novo mercado para esses artistas, cujas encomendas para ilustração de capas já se escasseavam por conta do declínio da demanda por literatura de cordel.

Hoje em dia, muitos gravadores nordestinos vendem suas xilogravuras avulsas, além de



Álbum Via Sacra, de Mestre Noza, cearense atuante em Juazeiro do Norte.



Xilogravura de José Costa Leite.



Banda Cabaçal, xilogravura de José Lourenço.

continuarem a produzir ilustrações para as capas dos cordéis. Gravadores como J. Borges, José Costa Leite, José Lourenço, Jerônimo e muitos outros, expõem seus trabalhos em importantes instituições no Brasil e no exterior.

A arte erudita também foi impactada pelo rico imaginário do cordel. Um dos entusiastas da tradição popular cordelista foi o escritor e professor pernambucano Ariano Suassuna que, idealizando o Movimento Armorial, de valorização da cultura popular nordestina, incluiu o cordel e o difundiu nos meios eruditos, incentivando iniciativas inspiradas na literatura popular.



Xilogravura de Jerônimo, artista atuante em Diadema, no Estado de São Paulo.

“

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos folhetos do romanceiro popular do Nordeste, com a música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus 'cantares', e com a xilogravura que ilustra suas capas (...).

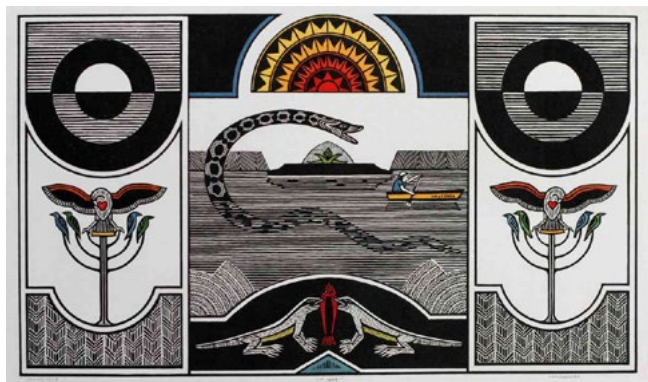
Ariano Suassuna, Jornal de Semana,
20 de maio de 1975

”



Xilogravura de Eduardo Ver.





A ilha, uma das inúmeras gravuras de Gilvan Samico.

Um dos artistas influenciados pelo Movimento Armorial que bebeu na fonte da xilogravura popular foi Gilvan Samico (1928-2013). Suas xilogravuras têm como tema as diversas lendas brasileiras, inclusive as amazônicas, representadas numa visualidade que remete às capas dos cordéis.

Por influência indireta, Eduardo Ver, artista da nova geração, também se inspirou no imaginário da xilogravura popular por meio da obra de

Gilvan Samico, criando composições simétricas que remetem ao universo místico das religiões afro-brasileiras.

Clique [aqui](#) para ver essa reportagem do programa Metrópolis, da TV Cultura, na qual é possível conferir as aproximações do trabalho de Eduardo Ver com a obra de Gilvan Samico e o cordel.



A mãe dos homens, outra gravura de Gilvan Samico inspirada no imaginário popular.



A ilustração de livros também passou a ser outra alternativa para grandes artistas da xilogravura popular. Dessa forma, podemos apreciar a consolidação da linguagem e da visualidade dessa rica tradição brasileira que é a literatura de cordel.

Estrutura e métrica da poesia de cordel

A sonoridade é um importante aspecto da poesia de cordel. Clique [aqui](#) para escutar um pouco essa sonoridade, nesse trecho do programa Quintal da Cultura, da Fundação Padre Anchieta, que explica de forma lúdica e rimada, a literatura de cordel.

Poemas com métrica são aqueles que seguem a contagem de sílabas poéticas de cada verso escrito. O cordel é um gênero de poesia que não abre mão da métrica. Como qualquer poema feito para ser declamado ou cantado, o conteúdo da obra deve se encaixar em uma determina-

da melodia ou ritmo. O tamanho exato de cada verso para que ele caiba no ritmo escolhido pelo autor, se conta pelo número de sílabas poéticas.

A contagem das sílabas poéticas é diferente da contagem das sílabas gramaticais, pois as vezes as sílabas são unidas pela fala, fundindo-se numa só. Por isso, na contagem poética, é necessário seguir o ritmo da declamação de cada verso e, ao compor um poema, muito ajuda recitar os versos já escritos para testar seu ritmo fazendo, aos poucos, os ajustes necessários na métrica.



A escrita é um trabalho de criação e lapidação. Ao jogar as primeiras ideias no papel, é necessário trabalhar o poema, realizando leituras orais e ajustando as rimas conforme a métrica. Recomenda-se, pelo menos, três reescritas para desenvolver e ajustar a ideia inicial.

O sistema de versificação é particular de cada poeta, mas no cordel é muito comum a metrificação variar de sete a dez sílabas. Vamos separar uma estrofe do cordel “Viagem a São Saruê”, de Manuel Camilo dos Santos, em sílabas poéticas para que a visualização auxilie a compreensão:

A-vis-tei | u-ma | ci-da-de
Co-mo | nun-ca | vi | i-gual
To-da | co-ber-ta | de | ou-ro
E | for-ma-da | de | cris-tal
a-li | não | e-xis-te | po-bre
é | tu-do | ri-co em | ge-ral



Três versões do folheto de cordel Viagem à São Saruê, de Manuel Camilo dos Santos

Estrofes do cordel

Há diferentes tipos de estrofes para se construir um poema. Cada uma dessas estrofes se caracteriza pela quantidade de linhas, que são os versos. Portanto, a estrofe é um conjunto de versos. O poeta de cordel opta por um tipo de estrofe para elaborar todo o poema.

Aqui, vamos abordar apenas as mais utilizadas, para que seja possível realizar algumas atividades criativas de composição.

Utilizaremos letras para identificar quais ver-

sos devem rimar entre si nas estrofes. Os versos sem letras são aqueles que não precisam rimar.

O esquema de rimas pode ser subvertido, conforme as necessidades de expressão do poeta mas, para fins didáticos, seguir um modelo facilitará a aprendizagem e a assimilação do conhecimento.

Exercícios fáceis de rimas, com poucas estrofes, podem ser aplicados em sala de aula para que os estudantes possam se adaptar à escrita poética do cordel antes de escrever poemas maiores.



✓ QUADRINHA

A poética do cordel pode ser iniciada com a quadrinha que, embora não seja mais utilizada pelos cordelistas, é mais simples e rápida para começar a pegar o jeito das rimas. A quadrinha é uma estrofe de quatro versos de sete ou oito sílabas, na qual pelo menos dois versos alternados devem rimar. As emboladas, versos cantados em disputas, como repentes, no ritmo do coco, se utilizam de quadrinhas. Um exemplo, é essa estrofe de “A herança da minha avó”, de Caju e Castanha:

Ser rico é bem melhor
Porque ser pobre é ruim (A)
E eu vou contar a herança
Que vovó deixou pra mim (A)

✓ SEXTILHA

A sextilha é uma das formas poéticas mais usadas pelos cordelistas. É uma estrofe de seis versos com sete ou oito sílabas onde o segundo, o quarto e o sexto versos são rimados entre si. Leia uma das sextilhas de Severino Milanês da Silva, estrofe do cordel “A greve dos bichos”, porém essa, com oito sílabas em cada verso:

Muito antes do Dilúvio
era o mundo diferente, (A)
os bichos todos falavam
melhor do que muita gente (A)
e passavam boa vida,
trabalhando honestamente. (A)



O grande poeta popular Patativa do Assaré subverte o esquema mais comum de rimas nessa sextilha, mas o faz com conhecimento do ofício, no cordel intitulado “A terra é nossa”:

O grande latifundiário, (A)
Egoísta e usurário, (A)
Da terra toda se apossa (B)
Causando crises fatais (C)
Porém nas leis naturais (C)
Sabemos que a terra é nossa. (B)

✓ SEPTILHA

A septilha é uma estrofe de sete versos e sete ou oito sílabas, em geral, com rimas entre o segundo, quarto e sétimo versos, do quinto com o sexto e, livres de rimas, apenas o primeiro e o terceiro. Nessa septilha de Minelvino Francisco da Silva para o cordel “ABC dos tubarões”, podemos conferir esse esquema de rimas perfeitamente representado:

Comparo nosso Brasil
Com o verdadeiro mar (A)
E a pobreza [à] sardinha
Que vive sempre a nadar, (A)
Sem ter alimentações (B)
E os grandes tubarões (B)
Querendo nos devorar (A)



✓ OITAVA

Como o nome já sugere, a oitava é uma estrofe composta por oito versos e algumas formas de combinar rimas. [Clique aqui](#) para aprender um pouco mais sobre as oitavas com a rápida explicação do poeta e pesquisador César Obeid, que apresenta diferentes combinações de rimas presentes na poesia de cordel para essa modalidade de estrofe.

✓ DÉCIMA

A estrofe chamada de décima, também por sugestão do nome, é composta por dez versos de sete ou dez sílabas. O esquema de rimas mais comum na décima é o ABBAACCDDC. Veja, como exemplo, uma das estrofes do cordel “No tempo que os bichos falavam”, de Manuel Pereira Sobrinho:



Gambá, vendia perfume (A)
Raposa, era caçadora (B)
Andorinha, era pastora (B)
Cotia, tinha curtume (A)
Besouro, acendia o lume
O Burro, era advogado (C)
O Cavalo, deputado (C)
Rinoceronte, prefeito (D)
Rato, era mau sujeito (D)
Peru, era delegado. (C)

As décimas de Patativa do Assaré tinham um esquema de rima diferente. Veja essa estrofe tirada do cordel “A muié que mais ameí”, de sua autoria:

Quando acordei tava só (A)
Sem tê ninguém do meu lado, (B)
Era muito mais mió (A)
Que eu não tivesse sonhado. (B)
Quem já vai no fim da estrada (C)
Levando a carga pesada (C)
De sofrimento sem fim, (D)
Doente, cansado e fraco (E)
Vem um sonho inchendo o saco (E)
Piorá quem já tá ruim. (D)



ALGUMAS SUGESTÕES DE EXERCÍCIOS

- Começando pelas rimas, é possível fazer um exercício só para treinar essa habilidade. Escolha 10 palavras e peça para que os estudantes escrevam 4 novas palavras para rimar com cada uma delas. Procure escolher palavras que tenham terminações diferentes para oferecer um novo desafio a cada palavra da lista.
- Apesar de não serem mais usadas nos cordeis há muito tempo, as quadrinhas são uma formato de estrofe bem simples e fácil para começar. Peça aos estudantes para criarem quadrinhas usando, pelo menos, três palavras da lista de rimas elaborada no exercício anterior. O tema pode ser proposto pelo professor. O poema deve contar com, ao menos, 3 estrofes, e ter começo, meio e conclusão.
- A partir das quadrinhas, o professor pode aplicar novos exercícios com outros tipos de estrofe, aumentando gradativamente os desafios da escrita até chegar na construção de poemas mais longos.
- A técnica da xilogravura ou da isogravura pode enriquecer as atividades. Como parte de qualquer exercício citado acima, o educador pode solicitar uma ilustração, em uma dessas técnicas, para o poema escrito. Para isso, um planejamento com mais tempo se faz necessário, pois o trabalho com tinta requer um tempo extra para a preparação da sala de aula e a posterior limpeza dos materiais.
- Alguns exercícios podem ser feitos em duplas ou grupos, ampliando as possibilidades de intercâmbio de ideias e construção coletiva.
- Quando os alunos alcançarem a criação de poemas mais longos, poderão produzir folhetos de cordel completos, que poderão ser expostos na biblioteca e, dessa forma, compartilhados com toda a comunidade escolar, ou seja, a culminância desse processo de aprendizagem.

Temas do cordel

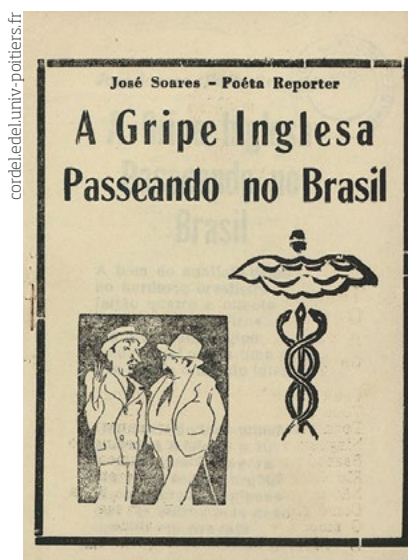
A literatura de cordel acolhe qualquer tema, ou mote, de interesse do público. Notícias, histórias fantasiosas e reais, dramas ou comédias, religiosidade, repentes, lendas tradicionais, fábulas, biografias, enfim, o poeta popular enfrenta qualquer desafio proposto a ele para escrever um cordel bem rimado. Até mesmo a trajetória do Instituto Brasil Solidário já virou cordel, nos habilidosos versos do poeta Nildo da Pedra Branca, de Mossoró, Rio Grande do Norte.

O cordel foi, durante muito tempo, o único acesso dos sertanejos à informação, pois a energia elétrica não chegava ao sertão nordestino. Com um público de maioria analfabeta, os folhetos eram lidos nas feiras, para atrair compradores letrados que os carregavam para o seio da família e da comunidade, para compartilhar a leitura.

A cadeia de produção de cordel foi o sustento de muitas famílias nordestinas. Os romances, que

são as histórias clássicas atemporais do cordel, em geral com maior número de páginas, eram vendidos aos poucos. Os chamados “folhetos de época” são aqueles que trazem algum fato notório atual e, por isso, vendiam bastante à época do lançamento, pois todos queriam saber das novidades. No entanto, em pouco tempo estavam defasados. Portanto, os poetas e editoras de maior sucesso de vendas eram aqueles que estavam sempre atualizados, prontos para escrever e lançar rimas sobre as notícias mais frescas, mas mantinham também seu estoque de romances.

O paraibano José Soares especializou-se nesse segmento e obteve muito sucesso. “A renúncia de Jânio Quadros”, teve 60 mil exemplares vendidos; “O assassinato de Kennedy”, vendeu mais 40 mil cópias; e seu maior sucesso, “A morte de bispo de Garanhuns, Dom Expedito Lopes”, vendeu 108 mil exemplares só em Pernambuco.



Da esquerda para a direita: cordel de Nildo da Pedra Branca, que narra a trajetória do IBS. Cordel sobre saúde, de autoria de Pedro Ernesto Marais e Adalberto Amorim, com xilogravura de Carlos Henrique Soares, edição do SESC. Um dos títulos de José Soares, que ficou conhecido como o Poeta Repórter.



Cordel contemporâneo

Chiquinho do Além Mar



Convivendo com os clássicos imortais da literatura de cordel, a atividade persiste pelas mãos de uma nova geração de cordelistas contemporâneos. Os folhetos atuais adotam as facilidades e barateamentos dos novos meios de impressão, como o xerox, por exemplo. As capas xilogravadas ainda persistem nas tipografias nordestinas que conseguiram se manter, apesar do baixo número de pedidos.

O cearense de Quixeramobim, Klévisson Viana, é um destaque da nova geração de cordelistas. Além do seu trabalho como autor fundou, em 1995, a Editora Tupynanquim. Realizou, também, várias adaptações de cordel para a linguagem dos quadrinhos, iniciativa importante para conquistar novos públicos.

[Clique aqui](#) para escutar o cordel “A Chegada de Suassuna no Céu”, que Klévisson Viana escreveu em homenagem a Ariano Suassuna, grande incentivador da cultura popular nordestina falecido em 2014, declamado por Rolando Boldrin no Programa Sr. Brasil, da TV Cultura.

Francisco Passos Santos, poeta, músico e professor sergipano, conhecido como Chiquinho do Além Mar, também defende a tradição do cordel em seus versos contemporâneos. Suas obras são adotadas em escolas por divulgar a cultura sergipana. [Clique aqui](#) para escutar um cordel de

sua autoria que revela as belezas e a história de Sergipe.

As redes sociais se tornaram um novo espaço para os poetas divulgarem seus trabalhos gratuitamente. O cearense Bráulio Bessa, por exemplo, se beneficiou bastante da internet e, divulgando seus poemas, alcançou fama nacional. Seu canal no YouTube tem mais de 500 mil inscritos. [Clique aqui](#) para conferir um de seus poemas, narrado por ele mesmo.

Com esses três autores contemporâneos, expostos aqui em vídeos, mostramos que a tradição do cordel ainda está bastante viva e atuante, e ganhou força com as redes sociais. As atualizações só vêm mostrar que a cultura sertaneja, como todas as outras, é dinâmica, e se reinventa a todo instante.

Mostra também que o estudo e desenvolvimento do cordel de forma pedagógica, abre diálogos ricos com diversas disciplinas do currículo escolar e áreas temáticas do IBS, como Arte e Cultura - Teatro de Bonecos, Música e Artes Visuais -, Educomunicação - audiovisual e rádio escolar -, Incentivo à Leitura e, quem sabe, o Empreendedorismo?



Klévisson Viana



Referências bibliográficas

HERSKOVITS, Anico. *Xilogravura: arte e técnica*. Porto Alegre: Tchê! Editora, 1986.

PINHEIRO, Hélder; LÚCIO, Ana Cristina M. *Cordel na sala de aula*. São Paulo: Duas Cidades, 2001. Coleção Literatura e Ensino.

Referências na internet

ACERVO Raymond Cantel. Biblioteca Virtual Cordel. Université de Poitiers. Disponível em: <<http://cordel.edel.univ-poitiers.fr/collections/show/3>> . Acesso em: 28/01/2021.

ALÉM MAR, Chiquinho do. Oficina de literatura de cordel. Disponível em: <www.ifs.edu.br/images/arquivos/Biblioteca/CURSO_DE_METRIFICA%C3%87%C3%83O-CORDEL.pdf> . Acesso em: 29/01/2021.

DIANA, Daniela. *Movimento Armorial*. Disponível em: <www.todamateria.com.br/movimento-armorial> . Acesso em: 28/01/2021.

FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. Acervo Cordel: literatura popular em verso. Disponível em: <www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/acervo.html> . Acesso em: 28/01/2021.

GASPAR, Lúcia. *Edição de cordel no Brasil*. Biblioteca Blanche Knopf. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=926> . Acesso em: 27/01/2021.

HATA, Luli. *O cordel das feiras às galerias*. 1999. 215p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/270030>> . Acesso em: 25/01/2021.

LIRA Nordestina retoma sua atividade primordial após ficar durante sem imprimir exemplares. Disponível em: <www.gazetadocariri.com/2019/03/lira-nordestina-retoma-sua-atividade.html> . Acesso em: 28/01/2021.

LITERATURA de cordel. Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/literatura-cordel.htm#:~:text=A%20literatura%20de%20cordel%20como,era%20em%20grande%20parte%20analfabeta>> . Acesso em: 27/01/2021.

OBEID, César. *Erros nos livros didáticos sobre a literatura de cordel*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UxttwZcCpYw>> . Acesso em: 27/04/2021.

RIBEIRO, José Paulo. *José Francisco Soares*. Inventário. Paraíba Criativa. Disponível em: <www.paraibacriativa.com.br/artista/jose-francisco-soares/> . Acesso em: 28/01/2021.

SANTOS, André Luiz. *Artistas da terra: conheça o cordelista Chiquinho do Além Mar que traz a história de Sergipe em suas obras*. Solotudo. Disponível em: <<https://conteudo.solotudo.com.br/solutudo/chiquinho-do-alem-mar/>> . Acesso em: 29/01/2021.

WIKIPEDIA. A enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org>> .

Agradecimentos

Carmélia Menezes

Diogo Salles

Gabriela Martins

Rociania Barreto

Taciane Motta Marconato

Zenaide Campos Farias



Conteúdo protegido - Proibida a reprodução sem créditos ao Instituto Brasil Solidário
para fotos ou contextos de projetos apresentados



Instituto
**BRASIL
SOLIDÁRIO**

INSTITUTO BRASIL SOLIDÁRIO - IBS
www.brasilsolidario.org.br